

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

NEM TODO BAIRRO É IGUAL:

A diversidade cultural do Jardim Panorama de Umuarama - PR

Professor/PDE: Suzany Carrilho Cardoso Santos [1]

Orientador/IES: Dr^a Vânia Malagutti Fialho [2]

Resumo: Este artigo relata uma pesquisa que teve como objetivo investigar quais as manifestações artísticas presentes no Jardim Panorama de Umuarama e integrá-las às ações pedagógicas da disciplina de arte, visando produções de conhecimentos, e a compreensão da importância da diversidade cultural. O estudo é de abordagem qualitativa, a partir dos pressupostos da pesquisa-ação. Os eventos foram constituídos tendo como base um conjunto de procedimentos, ideias, vivências e práticas que viabilizaram a compreensão da temática proposta, envolvendo 30 (trinta) alunos do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná, totalizando 32 horas, no período de fevereiro a junho de 2017. A contextualização do bairro Jardim Panorama, na sua ação histórica/sociocultural contribuiu para ampliar o conhecimento sobre a cultura local dos alunos. A implementação realizada favoreceu elementos para a compreensão das relações sociais no contexto escolar, onde se faz presente uma pluralidade cultural e que precisa ser explorada com práticas diversificadas, visando atender às reais características dos alunos. A proposta mostrou que, por excelência, a escola é o espaço em que alunos podem e devem aprender a conviver com a diversidade cultural.

Palavras-chaves: Arte. Diversidade Cultural. Bairro Jardim Panorama

Introdução

A escola é o espaço em que alunos e alunas devem aprender a conviver com a diversidade cultural. Nesse sentido, é importante discorrer sobre a temática da diversidade na sua ação histórica/sociocultural, para ampliar o conhecimento sobre a cultura local.

Acreditando que a necessária valorização da diferença deve partir do reconhecimento e afirmação positiva da pluralidade e singularidade presentes nas diferentes culturas, aos professores da disciplina de Arte, cabe o papel de contribuir para elucidar sentidos sobre a diversidade cultural, para que a escola possa se constituir, de fato, em um espaço propício para a emancipação de pessoas. Seguramente, acredita-se que os alunos precisam ser educados na escola para viver na e com a cultura da diversidade como fato histórico/social.

No Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná, a diversidade cultural se faz presente no cotidiano, expressando-se na música, na dança, na culinária, em suas diferentes complexidades, afirmações, significações e ressignificações humanas.

1 Professora da Rede Pública do Estado do Paraná.

2 Professora orientadora/PDE /Maringá– Campus de Maringá-Paraná.

O Colégio está localizado no Jardim Panorama de Umuarama – Paraná. Ele se configura em um dos bairros mais antigos da cidade e o seu entorno é rodeado por uma favela, com casas construídas nas encostas e à beira do rio. A maioria das famílias é carente e conta com um número de três a oito habitantes por moradias localizadas em áreas de invasão. Aspectos do saneamento básico, pavimentação e drenagem são inadequados.

No bairro, o nível de analfabetismo entre adultos é bastante elevado. A maioria dos jovens não completou o ensino médio e trabalha em um frigorífico próximo ao bairro, em comércios nas proximidades ou em casas de família como diaristas. Contudo, no bairro há diversas manifestações culturais presentes no bairro envolvendo danças, estilos musicais, corais, artesanatos e teatros, com a participação da comunidade nos espaços da escola e Igrejas.

Nessa perspectiva, este artigo discute as manifestações artísticas presentes no Jardim Panorama, integrando-as às ações pedagógicas da disciplina de arte do Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná, visando produções de conhecimento a partir das expressões artísticas locais. O mesmo é resultante da Implementação Didático-Pedagógica (IMD) desenvolvida junto ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED).

Inicialmente apresento os fundamentos teóricos, a partir de autores que defendem o diálogo entre a escola e a comunidade, entendendo que a produção de conhecimento vai além dos muros escolares. Dentre eles, destaco Setton (2008, 2010), Freire (1978,1987,1996), Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o Ensino de Arte - Paraná (2006, 2009), UNESCO (2002, 2007), entre outros.

Na sequência, abordo a metodologia utilizada, com destaque na população participantes do estudo, caracterização da pesquisa, procedimentos e instrumentos utilizados na coleta de dados. Por fim, apresento a análise e discussões dos resultados e as considerações finais sobre o estudo proposto.

A Diversidade Cultural como Princípio Educativo

A compreensão da diversidade cultural não é estanque, nem se esvazia em si mesma, mas se nutre também de outros referências culturais. Por essa razão, a diversidade é um tema de especial relevância que permite refletir sobre a inclusão de diferentes culturas.

Tal reflexão é necessária, sobretudo, no mundo contemporâneo, em que muitos são os desafios a serem enfrentados pelos atores sociais no interior de seus espaços, especialmente, frente ao avanço da tecnologia da informação. Ainda que a cultura seja diversa em seu interior, e o Brasil é um modelo representante disso, essa diversidade também é invadida por elementos de outras culturas que se manifestam em decorrência, por exemplo, do processo de globalização e da entrada da tecnologia da informação.

Segundo Setton (2010, p. 22), “as práticas de cultura podem expressar necessidades sociais e psicológicas, oferecendo, simultaneamente, instrumentos que aproximam e distanciam os indivíduos”. Essas práticas agem nas exterioridades, nas diferentes opções de vida em sociedade, completando a identidade dos atores sociais. Constitui-se na produção humana, manifestada socialmente de modos simbólicos e diferenciados, num cenário de múltiplas realizações.

As práticas de cultura, conforme Setton (2010, p. 31) compreendem três eixos: “primeiramente o processo de socialização, em seguida o conceito de *habitus* e, por último a dinâmica relacional e distintiva do jogo social”. A base das discussões, segundo a autora, é pôr à prova a suposição da influência sistemática de um passado incorporado, um sistema de disposições de *habitus*, coerente e com a probabilidade de funcionar de maneira homogênea, em várias dimensões das práticas culturais.

A socialização estética, a capacidade de entender e se identificar com um objeto artístico, com esse ou aquele produto cultural, ou seja, as disposições do *habitus* cultural dos agentes caracterizar-se-iam fundamentalmente pela posse anterior de códigos e instrumentos de apropriação; esse capital cultural derivaria de uma sensibilização anterior, normalmente conquistada no seio familiar e complementada pelas instituições que partilham com o sistema de ensino o gosto dominante (SETTON, 2010, p. 30).

Assim, para compreender os agentes sociais inseridos em um espaço e momento histórico é importante considerar a extensão da "experiência vivida", entendendo o cotidiano do espaço familiar e escolar de modo significativo. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a experiência precisa ser entendida pela escola como matéria prima, com base na qual os estudantes articulam a sua própria cultura.

Para Bourdieu (1992, *apud* SETTON, 2008, p. 128), “a família e a escola são dois subespaços sociais que podem ser classificados como produtores, como reprodutores e como difusores de disposições de cultura”.

Para Setton (2008), as aprendizagens concretizadas no ambiente familiar pressupõem o desprendimento e invisibilidade, garantindo aos seus agentes certa habilidade na apreensão e apreciação cultural. Já a aprendizagem escolar sistemática é

entendida como um processo voluntário e consciente, garantindo uma familiaridade tardia com a produção cultural aos seus partícipes.

O desenvolvimento e a aprendizagem estão interrelacionados desde o momento do nascimento, o meio físico ou social influenciam no aprendizado das crianças de modo que chegam as escolas com uma série de conhecimentos adquiridos. Na escola a criança desenvolverá outro tipo de conhecimento. Assim se divide o conhecimento em dois grupos: aqueles adquiridos da experiência pessoal, concreta e cotidiana em que são chamados de 'conceitos cotidianos ou espontâneos' em que são caracterizados por observações, manipulações e vivências diretas da criança já os 'conceitos científicos' adquiridos em sala de aula se relacionam àqueles não diretamente acessíveis à observação ou ação imediata da criança. A escola tem papel fundamental na formação dos conceitos científicos, proporcionando à criança um conhecimento sistemático de algo que não está associado a sua vivência direta principalmente na fase de amadurecimento (COELHO; PISONI, 2012, p. 146).

A escola, portanto, é um espaço que pode favorecer o debate das diferentes expressões culturais, estimulando movimentos de afirmações de grupos. O espaço escolar não é delimitado e heterogêneo, mas um espaço de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados.

A questão da cultura é uma temática constante na proposta educacional de Freire (1996). O autor reconhece a cultura popular como foco central para o início de um diálogo significativo com a realidade cotidiana, permitindo apreender toda a fonte de ricos conhecimentos presentes no imaginário coletivo e expressos na linguagem, não raro, como sinônimo de resistência e/ou de subserviência, culturalmente organizados como modo de produção histórica no sentido de garantir a sua sobrevivência frente ao processo de dominação cultural.

Em sociedades desiguais como a brasileira é papel da escola focar os diferentes segmentos de classe social. Isso é um requisito básico e necessário para os modos de inserção social, criados por aqueles que desejam participar mais ativamente de modo crítico de um mundo múltiplo e desigual em que vivem. De acordo com Freire (1978, p. 51):

[...] a superação das debilidades da cultura, que se constituem na prática social, requer a transformação desta, através das alterações que se vão dando nas relações sociais de produção. Mas, como esta superação não é mecânica e sim dialética, a ação político-pedagógica a ela endereçada é importante e mesmo fundamental. Por outro lado e por isso mesmo os seminários em torno da educação sanitária vinculam, usualmente, à análise da saúde, a compreensão crítica do esforço de reconstrução nacional, o que significa também discutir a saúde em suas relações com a produção, sobretudo com o modo como se dá a produção e as relações sociais que neste ou naquele modo de produção se processam. Discussões que

necessariamente se prolongam em debates de ordem política (FREIRE, 1978, p. 51).

O autor defende a ideia de que a superação não é fragmentada, mas se constitui pelo diálogo transformador. Assim pensando, a escola deve atuar no sentido de respeitar a diversidade de culturas presentes no seu entorno, auxiliando os alunos a perceberem o outro em sua autenticidade, como portadores de uma história singular, com ritmos diferentes de aprendizagem, com cultura e etnias distintas, entre tantos outros aspectos que caracterizam a pluralidade no espaço escolar.

Com base nas ideias de Freire (1987) é possível compreender que nos hábitos, costumes e visões de mundo presentes em uma dada cultura manifestam-se aspectos passíveis de análise da diversidade que constituem o desenho histórico determinantes do jeito de ser e das razões para ser de indivíduos e grupos. Para o autor, a efetividade da prática educativa se faz no desvelamento de práticas de cultura das classes populares. O autor considera que:

[...] tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1987, p. 17).

Isso faz pensar na necessidade de considerar o acúmulo de experiências vivenciadas em diferentes espaços pelos alunos, ou seja, os modos pelos quais elaboram e expressam a sua cultura própria, um espelho, por assim dizer, pelo qual é possível sentir, analisar e atribuir sentidos e significados ao mundo em que vivem.

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 33ª reunião, celebrada em Paris, de 03 a 21 de outubro de 2005, afirma que a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade. Para os fins da presente Convenção, ficou entendido que:

[...] Diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados (UNESCO, 2007, p. 04).

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha ofertadas a todos; constituindo-se em uma das fontes do desenvolvimento entendida não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória. O contexto educacional deve considerar todas as expressões culturais resultantes da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades e que possuem conteúdo cultural (UNESCO, 2002).

Assim, a compreensão da diversidade cultural como princípio educativo instiga a atuar de forma a propiciar uma aprendizagem pautada em valores socioafetivos e culturais em relação a si mesmo e ao outro não de forma hierárquica, mas dialógica e relacional.

Segundo Freire (1996, p. 134-5) “[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido”. Isso faz pensar em uma relação dinâmica entre o que se ensina e o que se aprende e, ao mesmo tempo, entender que quem ensina aprende na relação dialógica.

Quando instigados por um educador crítico, os alunos serão capazes de compreender que a grandeza de sua liberdade encontra-se no reconhecimento das repressões que podem ser ultrapassadas, afirma Freire (1987). Nesse processo, os educandos são levados a perceber a importância de tornarem-se cada vez mais críticos, percebendo, assim, a impossibilidade de negar o poder constitutivo de sua consciência na prática social da qual são partícipes. O autor convida as pessoas a se tornarem protagonistas de sua própria história, no sentido de conduzirem a dinâmica de suas vidas, pautados na conscientização de si mesmos e do meio em que vivem.

Do mesmo modo que a cultura, Silva (2011, p. 14) afirma que o saber deve ser considerado em sua condição sócio-histórica, cultural e política de produção. “Sob o ponto de vista do saber e da cultura, somos desafiados a aprender com e na diferença, mediante o respeito e o reconhecimento do Outro”. Para este autor, cada ser humano se constitui e se produz como tal, a partir das experiências com os outros, no interior de propostas humanizadas ou não do seu grupo social, num processo sucessivo de caminhos que se faz da natureza para cultura, isto é, cada pessoa ao nascer, é construída enquanto ser humano e precisa aprender a respeitar e reconhecer o outro em suas diferentes culturas.

Nesse sentido, a escola atual é desafiada a buscar subsídios teórico/práticos inovadores e apropriados, para abrir possibilidades transformadoras e condizentes com o momento atual, para dar respostas às singularidades que caracterizam as relações, sobretudo, frente à temática da diversidade cultural vivenciada e experienciada por alunos e alunas.

Assim pensando, ao professor de Arte cabe oferecer recursos capazes de estimular o conhecimento, desenvolver as capacidades de expressão: espontaneidade, imaginação, observação, percepção, e relacionamento social, estimular no aluno a percepção da plasticidade dos gestos, dos movimentos e das posturas (PARANÁ, 2006; PARANÁ, 2009).

Daí a necessidade de problematizar um trabalho diferenciado com a temática da diversidade cultural na escola, por entendermos a necessidade de desenvolver uma prática centrada nas diferenças existentes entre as pessoas, por meio de um trabalho contextualizado, desafiando os alunos a produzirem conhecimentos.

O Percorso Metodológico da Pesquisa

O estudo é de abordagem qualitativa, a partir dos pressupostos da pesquisa-ação. Segundo Severino (2007), esse tipo de pesquisa busca gerar eventos, como palestras, debates, entrevistas, visando desencadear mudanças no seio da coletividade.

[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2007, p. 120).

Com esse entendimento, os eventos foram constituídos tendo como base um conjunto de procedimentos, ideias, vivências e práticas que viabilizaram a compreensão da temática proposta.

As ações envolveram 30 (trinta) alunos do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná, totalizando 32 horas, no período de fevereiro a junho de 2017 em duas etapas, a saber: 1) exploração dos conhecimentos prévios sobre a diversidade cultural; e 2) a inserção no campo para compreender as manifestações artísticas no Bairro Jardim Panorama da cidade de Umuarama-Paraná, visando produções de conhecimentos sobre a diversidade cultural no bairro Jardim Panorama de Umuarama-Paraná.

Como auxílio nesta mediação, de forma a corrigir eventuais distorções, mediando o processo e reavaliando as práticas adotadas, além da mensuração dos resultados, o processo de avaliação foi contínuo, democrático e emancipatório.

Manifestações Artísticas presentes no Jardim Panorama

Os resultados e discussões dos resultados sobre as manifestações artísticas do Jardim Panorama são descritas em duas partes. Primeiramente com a exploração dos conhecimentos prévios sobre a temática da diversidade cultural de modo geral. Posteriormente, com a inserção no campo, para tratar especificamente das manifestações artísticas no Bairro Jardim Panorama da cidade de Umuarama-Paraná.

Exploração dos Conhecimentos Prévios sobre Diversidade Cultural

A implementação pedagógica na escola teve início com a apresentação do Projeto de Intervenção que objetivou investigar quais as manifestações artísticas presentes no Jardim Panorama de Umuarama e integrá-las às ações pedagógicas da disciplina de Arte do Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná, visando produções de conhecimentos e a compreensão da importância da diversidade cultural.

Na sequência foram explorados os conhecimentos prévios sobre a temática da diversidade cultural. Para essa exploração considerei que os alunos trazem conhecimentos de contextos diversos. Isso me levou a indagar sobre algumas questões básicas: Como proceder? Por onde iniciar? Quais os procedimentos?

Na sequência, os alunos foram questionados primeiramente sobre a questão da diversidade cultural de modo geral. Para o desenvolvimento dessa atividade inicialmente foi proposta uma roda de conversa. Porém, no decorrer da proposta pedagógica percebi que a estratégia não despertou o interesse de todos os alunos.

Assim sendo, optei por um questionário a ser respondido no caderno, sobre o que é diversidade cultural, tipos de manifestações culturais conhecidas, quais as manifestações culturais que os alunos têm acesso e como, possível existência de manifestações culturais no bairro, estilos músicas, dança ou teatro de preferência, ou se já assistiram alguma apresentação de música, dança ou teatro. As respostas foram precedidas de diálogos sobre o conteúdo abordado pelos alunos.

Essa estratégia foi alicerçada no princípio do aprendizado mútuo, ao considerar os elementos que os alunos trazem consigo, ou seja, seus conhecimentos prévios e, por conseguinte, sua visão de mundo. Algumas respostas ilustram o conhecimento da maioria dos alunos sobre o assunto:

Diversidade cultural é religião, danças, festas folclóricas, teatro. Eu acho que música também é diversidade cultural (Aluno 1).
Acho que manifestações culturais são danças típicas, comidas, lendas. Eu penso que é isso (Aluno 2).

A música é mais frequente na nossa manifestação cultural. Tem no celular, no rádio, na televisão e é mais fácil de acessar. O cinema também. Mas no teatro nunca fui (Aluno 3).

O meu estilo preferido de música é sertanejo universitário. Dança e teatro não é comum no nosso bairro (Aluno 4).

Dança e teatro a gente vê na escola e na Igreja nas comemorações (Aluno 5).

As respostas dos alunos mostram um conhecimento relevante sobre diversidade cultural, ao se referirem às diferentes manifestações como religião, danças, festas folclóricas, teatro, músicas, comidas.

É importante recordar que esse assunto faz parte do conteúdo curricular, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Mas ficou evidente pelos relatos, que os alunos possuem um conhecimento mais apurado a respeito da região em que vivem.

Foi possível observar como afirma Setton (2002), que a diversidade cultural está continuamente presente também no espaço escolar, expressando-se na música, na dança, na culinária, na Língua Portuguesa e entre outras atividades cotidianas. Daí a necessidade de, segundo entendimento da autora, a escola propor a apropriação política do conhecimento científico e da cultura em geral dos alunos, não deixando de considerar o aspecto essencial, ou seja, a noção de que o conhecimento não constitui uma série de informações técnicas a serem estudadas pelos alunos, mas de edificação de saberes.

Nesse sentido, se descortina um campo amplo de possibilidades, pois, o saber dos alunos mostra as diferentes formas de conhecimentos expressos nas criações culturais dos diversos grupos de uma sociedade.

Após as atividades com o questionário e os diálogos decorrentes das respostas, os alunos foram convidados a demonstrar seus conhecimentos e habilidades culturais. De início, foi realizada uma leitura individual e silenciosa do texto fotocopiado intitulado "O que é diversidade Cultural". Após a leitura do texto foi feita uma exposição oral sobre o conteúdo e, na sequência, os alunos assistiram a alguns vídeos sobre a diversidade cultural existente nas diferentes regiões brasileiras.

Foi explicitado que a diversidade cultural é um conceito criado para compreender os processos de diferenciação entre as várias culturas existentes ao redor do mundo. As múltiplas culturas formam a chamada identidade cultural dos indivíduos ou de uma sociedade; uma "marca" que personaliza e diferencia os membros de determinado lugar do restante da população mundial. Em razão do processo de miscigenação cultural, devido à colonização das diferentes regiões brasileiras, todas possuem a sua diversidade cultural, ou seja, um pouco das tradições e costumes de culturas diferentes.

Nesse aspecto, os alunos foram levados a refletir sobre a necessidade de respeitar a diversidade cultural existente em cada região do país, considerando as diferentes culturas. No tocante às diferentes manifestações culturais, os alunos demonstraram certo desconhecimento em relação às religiões do norte e nordeste, como mostram algumas falas: “Professora, eu pensava que Candomblé não era religião” (Aluno 6). Outro aluno fez a seguinte questão: “Candomblé e Umbanda são religiões?” (Aluno 7).

Sobre o assunto, foi discutido que a cultura nordestina é marcada por diversas manifestações religiosas que sofreram influência dos indígenas, africanos e europeus e que apesar da predominância do catolicismo, há um grande espaço para manifestações de outras religiões, como a fé Evangélica, o Candomblé e a Umbanda.

Por tais razões, o currículo escolar deve pautar-se em uma visão multicultural, voltado para a formação de cidadãos comprometidos com a valorização da diversidade cultural, para a inserção num mundo plural. As discussões permitiram trocas de experiências com a possibilidade de elencar vários fatores relevantes sobre a diversidade cultural, mostrando a importância de estabelecer momentos de discussões na escola a respeito das diferentes relações existentes na sociedade.

Como mediador responsável pelo processo de ensino e aprendizagem na escola, conforme Silva (2011) é indispensável refletir sobre a vivência em um mundo de diversidades. A individualidade dos alunos deve ser respeitada, cabendo ao professor exercer a sua função problematizadora via uma mediação desprovida de preconceito, estigma e exclusão.

Com a intenção de explorar os conhecimentos sobre a diversidade cultural, como atividade complementar, os alunos realizaram uma pesquisa sobre a diversidade cultural presente nas diferentes regiões brasileiras. Para o desenvolvimento da atividade de pesquisa, os alunos foram divididos em grupos de acordo com as cinco regiões brasileiras.

No laboratório de informática da escola, cada equipe pesquisou sobre as diversidades culturais das regiões em relação à religião, culinária, músicas, danças e lendas, com a mediação constante da professora. A pesquisa possibilitou contextualizar de modo muito significativo a diversidade cultural das diferentes regiões brasileiras, apontando as diferenças culturais presentes em cada região.

Alguns relatos evidenciam a opinião da maioria dos alunos sobre as atividades de pesquisa sobre o conteúdo.

Nossa professora, que bacana as esculturas em barro da região nordeste! Elas são bem coloridas! Nós já vimos as esculturas do Mestre Vitalino, nas aulas de Artes do ano passado (Aluno 8).

Professora, eu já fiz uma carranca esculpida em pedra de sabão! Foi legal pesquisar sobre isso e ver as coisas de diferentes regiões (Aluno 9).

Eu adorei ver coisas sobre o Carnaval. Já tinha visto na televisão e meu sonho é conhecer o Carnaval do Rio de Janeiro (Aluno 10).

Foi bom conhecer a cultura da região Sul. Meus pais são do Rio Grande do Sul E meu avô toma chimarrão todos os dias (Aluno 11).

Observamos nos relatos que os alunos têm conhecimentos sobre a cultura de diferentes regiões brasileiras, por intermédio dos familiares, amigos, escola e mídia. O estudo de Setton (2012) aponta que os valores sociais inseridos por meio das tradições culturais são transmitidos ao longo das gerações. Por meio da convivência com outros, os indivíduos desde a infância, experimentam e aprendem os costumes e valores culturais estabelecidos pela sociedade. Para a autora, a família e a escola são socialmente reconhecidas no processo de socialização de crianças e jovens. Contudo, a mídia representa parte dessa ação, ou seja, faz parte da vida delas e influenciam determinantemente o modo e o estilo de vida de cada pessoa.

A matriz de cultura escolar, segundo Setton (2008, p.127) propicia àqueles que se encontram de modo direto ou indireto submetidos à sua influência, não apenas a desenhos “[...] de pensamentos singulares (*habitus* escolar), mas uma disposição geral e geradora de esquemas particulares, capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação”. Na concepção da autora, a escola não contribui somente com recomendações, mas para a definição de trajetos, percursos, cartografias cognitivas e intelectuais.

Pode-se inferir que as análises dessa primeira parte do trabalho sobre a temática da diversidade cultural chama a atenção para fazer a inserção no campo e investigar as manifestações artísticas presentes no bairro. Em um tempo envolto pela globalização, acredito que o conhecimento do que é local, pode contribuir para uma melhor compreensão de uma possível relação entre aquilo que acontece nas diferentes regiões brasileiras, com aquilo que faz parte da vivência dos alunos.

Inserção no Campo

O objetivo da inserção no campo foi investigar as manifestações artísticas presentes no Jardim Panorama e teve início com uma visita ao projeto Pajé. De início, uma profissional voluntária responsável destacou a historicidade e particularidades sobre o funcionamento e importância do projeto para a comunidade.

Foi explicado que para suprir a carência de alimentos e condições básicas de sobrevivência dos moradores do bairro Jardim Panorama, no dia das mães do ano 2000, o Mon Senhor Antônio Luiz Catelan fundou a Instituição Associação Assistencial e Promocional Casa da Paz, com o auxílio de colaboradores voluntários da cidade. Uma destas colaboradoras – voluntária, a professora Silvia Farmacêutica e professora da Universidade Paranaense – Unipar – percebeu que muitas das crianças que iam jantar na instituição, não tinham muito o hábito da higiene e eram muito agitadas.

Pensando nisso, solicitou ao Padre da Igreja Santuário do Perpétuo Socorro, única no bairro, para realizar atividades com essas crianças aos sábados de manhã na paróquia. Porém, como o interior da paróquia não contava com espaço físico suficiente para a demanda, poderia usar também o pátio. Com a concordância do Padre deu-se início às primeiras atividades, com a apresentação de músicas, rodas de conversas, leitura de histórias e atividades de computação. Com o tempo, as crianças foram aumentando e as doações de materiais didáticos também.

Em 2012, a paróquia ofereceu uma casa de sua propriedade, situada à Rua Nereu Ramos 3339, tornando possível a sequencia de vários projetos como o PAJE, que trabalha com MDF, reciclados, crochê, bordado, pinturas em tecido. Nesse projeto, também estão inclusas algumas mulheres, as “Marias da Paz”, tendo como tema “Quem sabe ensina quem não sabe aprende”.

No projeto são produzidos diferentes tipos de artesanatos com materiais comprados pela associação e que posteriormente são comercializados em bazares organizados por elas. O dinheiro arrecadado é utilizado na compra de outros materiais.

As crianças são atendidas todas as segundas, quartas e sextas-feiras em contraturno; e, aos sábados, entre oito ao meio-dia. Atualmente, são atendidas 85 crianças e adolescentes, também em aulas de computação ministradas por alunos que ganham horas extracurriculares da Unipar. Embora a casa tenha sido cedida pela paróquia, esta não mantém a Casa da Paz, que é mantida por doações, projetos e pela comunidade em geral.

Após as explicações sobre o projeto Paje, os alunos foram convidados a conhecerem o espaço destinado ao projeto e visitaram a sala de música, sala de informática, sala de vídeos, espaço de artesanato e o parquinho destinados à aprendizagem e com a presença de voluntários. Sobre a visita, os alunos se manifestaram da seguinte forma:

Eu não sabia da importância desse projeto para a comunidade. Essa visita foi muito legal (Aluno 15).

Eu achei muito legal conseguir manter esse projeto há tantos anos sem apoio do governo (Aluno 16).

A minha vizinha trás os filhos todas as tardes para participar das atividades do projeto e eles adoram. Eu gostei de conhecer o projeto (Aluno 17).

A visita ao projeto Paje possibilitou o contato com o local, e, por conseguinte, uma leitura mais crítica sobre a importância do mesmo para a comunidade, levando os alunos a reconhecerem o que é pertencente ao seu ambiente cultural.

Na sequência, foi realizada uma pesquisa junto aos moradores do bairro, com o acompanhamento da professora, em contraturno, com a autorização prévia dos pais, em uma visita a pé. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um formulário, previamente elaborado, para levantamento dos bens culturais dos quais tinham acesso. O questionário abordou as seguintes questões: faixa etária – entre 20 e 70 anos; e se já haviam ido e com que frequência vão ao cinema e ao teatro, que estilo de música mais gostam, se participam de atividades artísticas e com que frequência o fazem.

Os alunos participaram ativamente das atividades de pesquisa junto aos moradores do bairro. Na oportunidade, entraram em contato com várias pessoas, trocaram ideias e compartilharam conhecimentos. Foram entrevistadas 100 (cem) pessoas da comunidade.

De volta à sala de aula, em conjunto com a professora Marilei Chequim de Matemática, os alunos montaram gráficos com os resultados da pesquisa. Esse foi um momento importante para trabalhar a interdisciplinaridade e os alunos se manifestaram positivamente em relação à atividade interdisciplinar realizada, como mostra os seguintes relatos: “nós estamos trabalhando os gráficos com a professora de matemática, então essa atividade ajudou a compreender melhor esse conteúdo” (Aluno 11).

A professora de matemática também se manifestou a respeito da atividade desenvolvida: “os alunos ficaram motivados a elaborar os percentuais com informações coletadas por eles”.

A atividade desenvolvida coloca a interdisciplinaridade como forma de contextualizar conhecimentos e como um caminho a seguir para trabalhar a diversidade cultural na disciplina de Arte. Segundo Cuba, Martinho e Bernardes (2015), o professor de Arte deve atuar interdisciplinarmente integrando em sua prática diferentes disciplinas, para favorecer o processo de ensino e aprendizagem.

Em resumo, os dados coletados e expostos em Gráficos representativos mostraram que a maioria das pessoas do bairro tem idade entre 31 a 40 anos (60%); 40% já foram ao cinema; 15% ao teatro; 80% apreciam a música sertaneja; 80% já participou de alguma atividade artística, como coral, dança, artesanato e teatro.

Foi possível verificar pelos dados da entrevista, que a maioria já participou de alguma atividade artística (coral, dança, artesanato e teatro), na Igreja e na escola. Fato relevante é que a música sertaneja está presente na vida da maioria dos moradores do bairro como forma de manifestação cultural.

Os dados da entrevista possibilitaram identificar um artista surdo no bairro chamado Braulino Guerini. O mesmo foi entrevistado por alguns alunos, com o auxílio de uma professora intérprete de Libras. O artista produz brinquedos em madeira e artesanatos em geral todos em madeira. As obras do artista foram expostas na escola para apreciação da comunidade escolar, juntamente com os trabalhos artesanais realizados pelos alunos do projeto Paje e apresentação do coral pelas crianças do referido projeto.

Sobre a atividade desenvolvida, alguns relatos merecem destaque:

Eu já tinha visto o trabalho desse artista exposto na feira de domingo, mas não sabia que ele morava no bairro (Aluno 18).

Eu gostei de fazer a entrevista e conhecer o artista que mesmo sem poder falar e ouvir tem tanto talento (Aluno 19).

Professora, a gente pensa só nas dificuldades do surdo, mas o talento supera as dificuldades (Aluno 20).

Eu gostei muito da exposição dos trabalhos realizados no projeto Paje. Eu não sabia de tantas coisas e pude conhecer o coral que cantou e os artesanatos (Aluno 21).

As falas mostram a importância da atividade realizada para os alunos que puderam entrar em contato com a realidade do bairro. Muitos relataram ter conhecimento sobre o trabalho do artista, sem saber que o mesmo era morador do bairro. Alguns referiram sobre a importância de conhecer as diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto.

A atividade desenvolvida tornou possível o processo de identidade coletiva, base para a pretensão cultural, viabilizando um processo de transformação consciente do ambiente, inclusive capaz de respeitar e conviver com diferenças. O trabalho com a diversidade cultural na escola é uma possibilidade de encarar o tema, como meio de transformar a escola e a sala de aula em espaços de discussões e de aprendizagem significativa para a vida pessoal e coletiva.

Freire (1996, p.37) entende cultura como um “fenômeno unicamente humano”, referindo-se à capacidade de os seres humanos darem significado às suas ações e ao mundo que os rodeia, sendo partilhada pelos indivíduos de determinado grupo, não se construindo, assim, em um fenômeno individual.

Por isso, de modo particular, no contexto da escola, se faz presente diferentes manifestações culturais. Os alunos vivenciam ricas e diferentes experiências e são

diferentes entre si. Por isso, é preciso atuar com a preocupação voltada para a diversidade, com respeito às diferentes manifestações culturais.

Desse modo, as atividades desenvolvidas possibilitaram vincular a teoria e a prática, complementando-se com a interdisciplinaridade e aproximando-se da realidade concreta do aluno, viabilizando o diálogo, não apenas com a disciplina de Arte, mas, sobretudo, com a diversidade cultural presente na escola, configurando-se em uma prática social, como afirma Setton (2008).

Considerações Finais

Objetivando investigar quais as manifestações artísticas presentes no Jardim Panorama de Umuarama e integrá-las às ações pedagógicas da disciplina de arte do Colégio Estadual Monteiro Lobato de Umuarama-Paraná. A proposta de implementação realizada favoreceu elementos para a compreensão das relações sociais no contexto escolar, onde se faz presente uma pluralidade cultural, que se descortina e que precisa ser mais explorada, quando se pensa na formação integral dos alunos.

A apreciação da diversidade não se constitui em uma necessidade imposta pela chamada pós-modernidade, mas uma consequência do que se convencionou comumente chamar de modernidade, em cujos processos, os sujeitos constroem gradativamente os seus modos de produção, e por assim dizer, de expressão cultural.

A proposta mostrou que, por excelência, a escola é o espaço em que alunos e alunas podem e devem aprender a conviver com a diversidade cultural. A contextualização do bairro Jardim Panorama, na sua ação histórica/sociocultural contribuiu para ampliar o conhecimento sobre a cultura local dos alunos.

Formar o aluno para atuar em uma sociedade plural não é um processo simples. Ao contrário, exige que os professores assumam atitudes de mudanças contínuas. Isso faz pensar, acima tudo, na possibilidade de reinvenção de novas práticas a serem desenvolvidas para além da sala de aula.

Uma escola aberta à diversidade deve incentivar os alunos a elaborarem reflexões críticas, muito além dos condicionamentos socioeconômicos e culturais impostos pela sociedade contemporânea. Por isso, a prática pedagógica precisa ser diversificada, visando atender às reais características dos alunos.

Desse modo, o ensino de Arte contribuiu para a comunicação entre alunos e professores, atribuindo sentido às sensações, sentimentos e pensamentos, garantindo a participação de todos dentro e fora da sala de aula. Para isso, é necessária a escolha de

conteúdos e recursos didáticos adequados, para que os objetivos do processo de ensino e aprendizagem sejam concretizados.

Como desdobramento deste projeto, a convite do NRE de Umuarama – Paraná tive a oportunidade de expor o projeto e a Unidade Didática para os professores de Arte do núcleo, esclarecendo dentre outras questões, que o mesmo pode ser adaptado à realidade de diferentes espaços oportunizando o diálogo com as manifestações artísticas, visando produções de conhecimentos e a compreensão da importância da diversidade cultural.

Além de expor o projeto de implementação disponibilizei uma Unidade Didática para cada professor. Foi possível compartilhar as experiências sobre o desenvolvimento das aulas. No decorrer da apresentação, os professores fizeram alguns questionamentos a respeito das aulas de pesquisa que aconteceram no laboratório de informática, pois em muitas escolas, os laboratórios estão sucateados e sem funcionamento.

Assim, sugeri que nesse caso, essa atividade (aula) poderia ser realizada pelos alunos como tarefa de casa. Desse modo, os alunos poderiam trazer as pesquisas já prontas para socializá-las com o seu grupo.

Também, pude perceber que alguns professores se sentem inseguros em sair com os seus alunos na comunidade para fazer a pesquisa sobre as manifestações artísticas presentes no bairro. Expliquei sobre a importância de envolver no projeto alunos de outras séries. No meu caso envolvi alunos do 3º ano, mas com a autorização dos pais.

Enfim, no campo da implementação pedagógica realizada, foi possível verificar a diversidade cultural presente no bairro Jardim Panorama e a relação com os alunos. A prática realizada constitui-se em uma atividade teórica e prática de conhecimentos, fundamentação, diálogos e intervenções na realidade, configurando-se, portanto, como objeto da práxis no trabalho com a diversidade cultural.

Referências

COELHO, L.; PISONI, S. **Vygotsky**: sua teoria e a influência na educação. Revista e PED – Facos/CNEC, vol. 1, ago, 2012. Disponível em: < [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky - sua teoria e a influencia na educacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teor%C3%ADa_e_a_influ%C3%ADncia_na_educacao.pdf)>. Acesso em 15 de jun. de 2016.

CUBA, J. C. O.; MARTINHO, J. S. BERNARDES, A. S. T. Diálogos entre arte, interdisciplinaridade e educação: o que dizem os PCNs. **Travessias** ISNN. v. 10. n. 2. 24 ed. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12223-48993-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12223-48993-1-PB%20(2).pdf) Acesso em 03 de nov. de 2017

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Arte e Artes**. Curitiba, 2006. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 15 de junh. de 2016.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte**. Curitiba, 2009. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 15 de junh. de 2016.

SETTON, M. das G. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, jan./jun. 2002.

_____. A moda como prática cultural em Pierre Bourdieu. **Revista de Moda, Cultura e Arte** – São Paulo V.1 N. 1 abr./ago. 2008. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_Setton_versao-final.pdf>. Acesso em: 04 de jul. De 2016.

_____. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.15, n.28, p.19-35, 2012. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/2549/2169>>. Acesso em: 04 de jul. de 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez: 2007.

SILVA, N. N. da. A diversidade como princípio educativo. **Paidéia Revista do Curso de Pedagogia da faculdade de Ciências Humanas e da Saúde**. Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 8 n. 11 p. 13-29 jul./dez. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1307-1995-1-SM%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1307-1995-1-SM%20(4).pdf)>. Acesso em: 04 de jul. de 2016.

UNESCO, **Declaração universal sobre a diversidade cultural**, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em 04 de jul. de 2016.

_____. Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, 2007. **Diversidade das Expressões Culturais**. Texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006. Disponível em: < <http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>>. Acesso em 04 de jul. de 2016.